

Reflexões sobre o novo regime de visibilidade homossexual das páginas do Lampião¹

Vinicius FERREIRA Ribeiro Cordão²
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O presente artigo discute como ocorreu a representação do homossexual nas páginas do jornal *Lampião da Esquina* por meio da análise do seu conteúdo e formato nas edições lançadas entre abril de 1978 e junho de 1981. Durante processo investigativo procuramos estabelecer o lugar de fala do *Lampião da Esquina* e o modo como a visibilidade gay ocorre em suas páginas para assim definir quais eram suas principais características e a qual enquadramento estavam sujeitas as temáticas do movimento LGBT.

Palavras-chave: História do Jornalismo; Imprensa Gay; Lampião da Esquina; Visibilidade.

Introdução

O regime militar brasileiro, que ocorreu de 1964 a 1985, é rememorado frequentemente como o período da história do país de maior censura e repressão aos direitos civis, políticos e sociais dos cidadãos. A luta pelo direito a comunicação, que perpassa como mecanismo legitimador as três demissões de cidadania apresentadas por Marshall (1967), constrói no imaginário popular sobre o regime militar uma representação dualista estereotipada em que de um lado a ação censória teria ocorrido de forma unilinear e aleatória enquanto uma imprensa idealizada "luta bravamente de maneira indiscriminada e genérica- contra a ação da censura"(BARBOSA, 2007, p. 187).

A censura porém não ocorreu com a mesma intensidade em todos os jornais e nem por meio dos mesmos mecanismos. Nem toda a imprensa e seus profissionais se colocaram contra ao regime ou tiveram suas vozes silenciadas em favor de um discurso oficial, havendo tanto exemplos de instituições e personagens que utilizaram o seu poder simbólico em torno de uma representação favorável as decisões militares para conseguir favorecimentos de ordem política e econômica como casos em que era possível encontrar uma voz de resistência aos modelos vigentes, como exemplifica Ribeiro (2014).

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduado em Comunicação Social – hab. Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Mestrando em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ. Pesquisador no NUJOC- Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação, email: viniciusf.c@hotmail.com

Dessa forma destacasse a necessidade de fugir dos discursos generalizantes, buscando investigar cada atuação da imprensa inserida neste contexto de forma individual, mas não isolada, levando sempre em consideração as mais diversas influências e relações de poder que a perpassam. Nesse trabalho voltamos o nosso olhar para analisar as singularidades do jornal *Lampião da Esquina*, destacando sua atuação na reivindicação dos direitos dos LGBTs.³

Acreditamos assim como, Leal; Jacome; Maciel (2013), que cada jornal possui uma identidade passível de delimitações por meio da identificação das estratégias narrativas utilizadas recorrentemente em seu formato e conteúdo. Dessa forma, no processo investigativo para estabelecer o lugar de fala do *Lampião da Esquina* e o modo como a visibilidade gay ocorre em suas páginas vamos tomar como referência o período de circulação do jornal, que se estende de abril de 1978 a junho de 1981, para assim poder definir quais eram suas principais características e a qual enquadramento estavam sujeitas as temáticas do movimento LGBT.

O *Lampião da Esquina* e a visibilidade gay

Escolhemos o *Lampião da Esquina* como objeto de pesquisa pelo lugar estratégico que ele ocupa enquanto veículo contestador dos padrões vigentes, sendo considerado o marco de fundação da imprensa segmentada para o público gay no Brasil, como aponta Rodrigues (2004). Pois apesar de existirem relatos sobre a prática homossexual em publicações antecessoras como o conto pornográfico homoerótico *O menino do Gouveia* publicado na revista *Rio Nu* em 1914, Green & Polito(2006), assim como em boletins e revistas artesanais segmentadas produzidas no Rio de Janeiro e em Salvador na década de 60, Péret (2011), o *Lampião da Esquina* se torna referência por ser o primeiro periódico gay com circulação nacional, tendo uma tiragem entre 10 e 20 mil exemplares.

A circulação não é o único fator considerado para classificar o *Lampião da Esquina* como o divisor de águas na relação entre a imprensa e a comunidade gay nacional. A publicação representa a institucionalização do mercado segmentado para o público LGBTs além de trazer em suas páginas a narrativa e o formato jornalístico em tom militante a favor de reivindicações dos direitos sociais, políticos e sexuais dos homossexuais.

Embora o jornal tivesse sua sede na cidade do Rio de Janeiro suas pautas e colaborações não se limitavam entorno do Estado, englobando desde seus números

³LGBTs: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros.

experimentais acontecimentos e personagens da comunidade gay nacional que encontrava-se em fase de consolidação no período. Apesar de seus membros fundadores residirem na capital carioca e em São Paulo, havendo um maior destaque para a cena gay destes dois estados, é recorrente a publicação de notas sobre a articulação do movimento LGBT e suas formas de socialização nas mais diversas cidades brasileiras, assim como a vinculação de denúncias relacionadas a homofobia⁴, como exemplifica a figura abaixo:



Figura 1. Notícia publicada no *Lampião da Esquina* na página 4 da edição número 2, de 25 de junho de 1978.

Fonte: Grupo Dignidade/ Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott

Apesar de ser inovador no seu conteúdo e no alcance gerado por suas pautas o *Lampião da Esquina* apresenta um formato "artesanal", com poucas inovações gráficas e a utilização de limitados elementos imagéticos em sua composição. O jornal prioriza a linguagem verbal, oscilando entre pequenas notas informativas e textos mais longos com teor opinativo reflexivo.

Ainda no que se refere ao seu formato, apesar do próprio *Lampião* afirmar que "não curte muito essas coisas de fazer um jornaleco sempre muito igual" (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1979, p.4), nota-se, com o passar das edições a cristalização das seções: "Esquinas" que trazia artigos traduzidos e textos opinativos, "Reportagem" com matérias

⁴ Em torno do termo homofobia existe uma ampla discussão de significações. Adotamos a perspectiva que considera a expressão como vinculada "às matrizes normativas de construção de gênero e das identidades sexuais, ampliando seu alcance a todos os indivíduos que se posicionem ou se considerem distantes (em maior ou menor grau)" (LEAL; Carvalho, 2009, p.4). Dessa forma a homofobia "menos que aversão aos homossexuais, portanto, pode ser definida como parte de uma economia cultural, discursiva, epistemológica, que naturaliza o binarismo de gênero e, mais ainda, regula as diversas formas de ser "homem" e "mulher" e suas relações" (LEAL; VAZ; ANTUNES, 2010, p. 230).

informativas, "Cartas na Mesa" que publicava várias cartas enviadas pelos leitores com respectivos comentários dos jornalistas e "Ensaio".

O jornal também contava com algumas colunas recorrentes como "Troca Troca" onde perfis de leitores eram publicados para eventual correspondência entre os interessados, "Ensaio Populares" composto de textos enviados por interlocutores sobre a temática LGBT além das colunas sobre cinema, música, teatro e literatura.

Entre as colunas vale destacar a intitulada "Bixórdia" que começou a ser publicada em outubro de 1978, permanecendo até abril de 1981. O título da coluna, marcado pelo neologismo criado utilizando a palavra Bicha, é descrita pela colaboradora do Lampião Rafaela Mambaba (1978, p.12) como:

" s.f; em machês, palavra originária de bicha, s.i. (substantivo indefinido), somado a mixórdia, s.f., mistura, bagunça. Representação do que é livre, autopermittido. Tudo é sério, nada é triste. Paradoxo vivo (finíssimo, adorei) em que se misturam viados, bichas, perobas, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneleiros, frescos, frutas e xibungos. Por ext.: Vale tudo né queridinhas?

A coluna é marcada pela utilização de expressões típicas da comunidade gay e por narrar acontecimentos vinculados diretamente a aspectos da homocultura nacional. Ao longo de suas edições a coluna promove o concurso da bixórdia, onde o leitor que enviasse a palavra que melhor representasse o coletivo de bicha ganharia um ano de assinatura do jornal.

Por meio do concurso da bixórdia identificamos dois posicionamentos que perpassam toda a linha editorial da publicação. O concurso visava em um primeiro momento resignificar o imaginário popular entorno da homossexualidade, fugindo porém nesse processo da normatização como caminho para a construção da identidade do gay nacional.

Interessava ao jornal questionar porque eram atribuídas características negativas a homocultura, demonstrando ao longo de seus textos como essas práticas eram tão comuns como a heterossexualidade, possibilitando assim que os discursos utilizados anteriormente para oprimir passem a ser empregados como bandeira de representação.

CONCURSO DA BIXORDIA: Muita gente ainda tem medo das palavras, de ser chamada de bicha, por exemplo. Pois bem: para provar que o que conta é a cuca das pessoas e que a palavra, seja qual for, pode - e deve - ser encarada como uma coisa gozosa (!), curtível até, Bixórdia lança um concurso: qual o coletivo da palavra bicha? Já pensaram? (LAMPPIÃO DA ESQUINA, 1979, p.12)

O *Lampião da Esquina*, dessa forma, para além de reposicionar a identidade gay, a retirando da invisibilidade e da marginalidade, também representa o esforço de formação de uma comunidade homossexual nacional. O jornal ao convidar o seu público leitor para pensar em uma denominação para o coletivo de bichas demonstra o seu interesse em estimular o pensamento de uma coletividade e o senso de pertencimento dos gays brasileiros.

O *Lampião* surge com a proposta de tirar o homossexual do gueto no qual foi historicamente confinado pela dominação masculina. Os editores perceberam assim como Bourdieu (2014, p.12) que o preconceito e suas consequências é imposto e vivenciado pela "violência simbólica, violência suave, insensível, invisível as suas próprias vitimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento" e que para romper com esse sistema era necessário um canal próprio que possibilitasse ecoar a voz dissonante. Como podemos perceber no editorial da edição experimental do jornal:

O que nos interessa é destruir a imagem padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanes e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p.2).

A publicação assume o papel de difusor do contra discurso do que circulava na grande mídia sobre a homossexualidade, já que, para a imprensa tradicional as reivindicações desse grupo minoritário não possuía valor notícia por estar a margem da moral. Como demonstra Green e Polito (2006) em seu levantamento histórico sobre as fontes documentais acerca do universo gay no país, os gays, lésbicas, travestis, e transexuais, até a década de 1960, ganhavam as páginas da imprensa por meio do discurso médico e policial que enquadravam a prática como anormal e criminosa.

Sobre a cobertura realizada pela imprensa com acontecimentos que envolvesse homossexuais, em especial a abordagem feita pelo *Notícias Populares*, o *Lampião* afirma que:

Este pretense "papel fiscalizador" é apenas um dos aspectos (talvez o mais grave) que configura uma verdadeira "campanha" anti-homossexual por parte da imprensa marrom. Mesmo que tal "campanha não seja uma cruzada moralista consciente e não passe de uma fabrica de manchete vendáveis, ela é real na medida em que produz seus reflexos sobre determinada faixa da opinião pública.

Temos aqui dois tipos de acusação: uma, generalizada, que reveste o próprio termo "homossexual" em toda notícia veiculada por essa imprensa: como se estivesse implícita a aceitação de "culpado" ou, pelo menos, "suspeito". E outra, específica, reclamando a ação das autoridades, que não estaria sendo suficientemente repressiva (LAMPPIÃO DA ESQUINA, 1978, p.7).

Dessa forma a partir da divisão entre os que detinham ou não o poder de fala foram estabelecidos processos de categorização social perpetuados por meio das práticas jornalísticas, o que levou ao que Santos (2007) denomina de pensamento abissal. Segundo essa ótica, a compreensão da realidade seria feita a partir de linhas radicais que dividiriam a realidade social entre visíveis e invisíveis, "a divisão é tal que 'o outro lado da linha' desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente" (SANTOS, 2007, p.3-4).

Como consequência do pensamento abissal tudo aquilo que é produzido e compreendido como o outro é excluído e marginalizado, fazendo com que a imprensa perpetue estereótipos e preconceitos envoltos em uma lógica discriminatória que, como demonstra Ijuim (2013, p.49), visa "valorizar ou manter o *status quo* de uns e, de outro, minimizar pessoas, lugares ou tradições considerados diferentes ou estranhos".

No panorama da imprensa nacional o homossexual só passa a ter voz ativa, assumindo o papel de protagonista de sua vida e tendo a possibilidade de defender seus direitos, somente a partir da década de 1960 por meio de colunas isoladas na grande mídia⁵ e, sobre maneira, com a criação da imprensa segmentada gay, quando então o discurso pluralista em torno da sexualidade começa a circular.

Pois apesar de existir no Brasil um forte movimento de jornais alternativos que buscavam questionar a realidade do país, estes também colocavam as questões relacionadas a sexualidade como pauta irrelevante ou então reproduziam o discurso machista opressor, como demonstra Kucinski (2003).

O jornal *O Pasquim*, fundado em 1969, que é considerado o grande modelo para esse novo fazer jornalístico, por exemplo, em sua edição 436 ao abordar como temática principal a homossexualidade constrói um discurso de alteridade em que o outro aparece muitas vezes beirando o anormal e com uma representação do gay sempre associado a papéis femininos.

⁵ A "Coluna do Meio" escrita por Celso Cury e publicada diariamente no *Última Hora*, é considerada a primeira experiência na grande mídia em que a homossexualidade é abordada de forma explícita e a partir da perspectiva dos gays. A coluna que começou a circular em fevereiro de 1976 existiu durante três anos e foi interrompida por pressões políticas.

Dessa forma o *Lampião da Esquina* auxilia a militância na luta pela primeira grande saída do armário⁶ por parte do movimento LGBTs. Se até então o que imperava era a invisibilidade das práticas homossexuais como se elas não existissem instaurando uma heterossexualidade compulsória⁷, relegando o que não se enquadrava no padrão ao privado e ao desviante taxando como anormal a imprensa gay mostra que existem possibilidades para além do modelo heterossexual permitindo que questões relacionadas a homofobia passem a ganhar visibilidade.

Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibições, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura (FOUCAULT, 1998, p.12)

A sexualidade que vinha sendo regida, desde o desenvolvimento do capitalismo, pelo discurso de repressão estando cuidadosamente encerrada dentro dos limites da família nuclear patriarcal sendo mantida segundo Foucault(1998, p.11) pelo "tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo" passa então a ser tema de debates que questionavam os modelos em vigor. A própria noção de gênero que até então era concebida por meio da visão binária homem/mulher passa a ser desnaturalizada sendo posto em discussão o seu caráter de construção cultural, Butler (2003).

Conclusão

Percebemos que o *Lampião da Esquina* utiliza como estratégia enunciativa para se opor ao regime simbólico em vigor e apresentar novas possibilidades de realidade um circuito cultural que proporciona visibilidade as práticas sociais das minorias, além de abordar em seus editoriais críticas políticas amplas envolvendo aspectos relacionados não apenas aos gays mais também as mulheres e negros.

A publicação apesar de estar inserida em pleno período da ditadura militar trás em suas páginas uma verdadeira revolução sexual, por meio da contestação de costumes e valores, se posicionando como porta voz das minorias. Através da crítica e da visibilidade

⁶ A expressão sair do armário é utilizada para representar os homossexuais que quebram a barreira do silêncio e da invisibilidade e se assumem socialmente. Como demonstra Sedgwick (2007) o termo envolve no entanto mais do que a passagem do privado para o público, estando perpassado por todo o sistema de saber que impõe as lógicas de divisão entre masculino/feminino e natural/artificial de forma que o individuo ao sair do armário não significa esta livre do sistema opressor .

⁷ Para Castells (1999, p.238-241) a heterossexualidade compulsória refere-se ao período em que a heterossexualidade era tida como a única opção devido a forte influencia do patriarcalismo fazendo com que as práticas homossexuais fossem consideras crimes ou doença.

proporcionada para modos de vida que vão além dos arquétipos normatizados o Lampião possibilitou a formação de um movimento social que deu início a militância gay organizada, como o grupo Somos⁸.

O jornal também é caracterizado por utilizar ao longo de sua narrativa termos que usualmente são utilizados de forma pejorativa, para discriminar os LGBTs, resignificando os valores sociais negativos e passando assim a emprega-los como uma bandeira de luta.

Referências bibliográficas

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da Imprensa: Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

KUCINSKI, B. . **Jornalistas Revolucionários - Nos tempos da imprensa alternativa**. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**, Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GREEN, James N.; MCRAE, Edward; FRY, Peter. Mesa Redonda SOMOS- Grupo de Afirmação Homossexual: 24 anos depois. Reflexões sobre os primeiros momentos do movimento homossexual no Brasil. In: **Cadernos AEL: Homossexualidade, Sociedade, Movimento e Lutas**, v.10, nº18/19, 2003.

IJUIM, Jorge Kanehide . Imprensa e preconceito: O pensamento abissal nos meios de comunicação e a deslegitimação de grupos sociais. In: **Revista Estudos de Jornalismo**, v. 2, p. 48-60, 2013.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Edição Experimental, nº 0, 1978. Disponível em: < <http://migre.me/m5R4p> >. Acesso em: 22 abr. 2014.

LEAL, Bruno Souza. ; CARVALHO, Carlos Alberto. **Sobre jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar?.** E-Compós (Brasília), v. 12, p. 1-16, 2009.

LEAL, Bruno Souza ; ANTUNES, Elton ; VAZ, Paulo Bernardo . De quem é a agenda?. In: Márcia Benetti; Virgínia Fonseca. (Org.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. 1ed.Florianópolis: Insular, 2010, v. 1, p. 221-240.

⁸ O Grupo SOMOS, que começou a se reunir na cidade de São Paulo em 1978, é considerada a primeira organização do país a defender as questões LGBTs. Em 2002 em virtude de comemoração de 24 anos da criação do movimento os integrantes James Green; Peter Fry; Edward MacRae *eat eal* (2003) promoveram uma mesa redonda em que entre os depoimentos e recorrente a menção ao Lampião da Esquina, destacando seu papel de aglutinador imprescindível para a formação de uma luta LGBT no país.

LEAL, Bruno Souza ; JACOME, Phellipy ; MACIEL, Widller . Os jornais no jornal: o Meia Hora e suas faces. *In* Texto (UFRGS. Online), v. 1, p. 71-91, 2013.

MAMBABA, Rafaela. De Teresina para o mundo. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, p.4, 25 de jun. 1978.

PÉRET, Flávia. **Imprensa Gay no Brasil**, São Paulo:Publifolha, 2011.

RIBEIRO, A. P. G. . Os anos 1960-70 e a reconfiguração do jornalismo brasileiro. In: Igor Sacramento; Letícia Cantarela Matheus. (Org.). **História da Comunicação**. 1ed.Rio de Janeiro: Mauad X, 2014, v. 1, p. 163-195.

RODRIGES, Jorge Luís Caê. Somewhere over the rainbow: o primeiro Lampião é acesso. In:**Imagem & Diversidade Sexual**: estudos da homocultura, São Paulo: Nojosa edições, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do Pensamento Abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: Revista Crítica de Ciências Sociais, v.78, p.3-46, 2007.